

Horizonte Perdido

João Clímaco Bezerra

Nascera naquele pedaço de terra. E ali vivera toda a infância, toda a mocidade, estava vivendo a velhice e esperava repousar o velho corpo para sempre debaixo da grande oiticica da beira do rio.

Os filhos formados se espalhavam pelo mundo, todos vivendo nas capitais. De vez em quando chegava uma carta. Que ele vendesse a terra, acabasse aquela vida de canseiras, fosse para a cidade. Lá tudo seria mais fácil: vida tranqüila, sem madrugadas, sem trabalhadores no eito, sem engenho para consumir-lhe as últimas energias.

E ele ria da ingenuidade dos filhos. Nada se comparava à sua terra, à sua casa, ao seu gado, às suas plantações.

Certa vez, para atender a um pedido mais insistente, fora até a cidade. Esperava passar umas longas férias. Mas em menos de um mês estava de volta, satisfeito por pisar novamente a sua fazenda. Os amigos, quando passavam pela sua porta, pilheriavam:

– Então, coronel, gostou da cidade?

Sorria, apenas. Mas, no íntimo, se arrepiava com a só idéia de lá voltar algum dia.

Terra era aquela em que nascera. Terra onde ele conhecia tudo, desde as árvores velhas às plantinhas tenras e às pedras do caminho. Tudo ali seguia o seu ritmo natural, sua marcha lenta, seu desenvolver sossegado. Manhãzinha, ainda, quando o sol estava longe de aparecer, erguia-se da cama, ia ao curral.

Ele mesmo ordenhava as vacas de uma a uma. E o contato daquelas tetas pejudadas dava-lhe uma alegria tão grande que mais parecia um pecado.

Sonhava criar os filhos presos à terra, como ele fora criado. Mas o povo falou muito. Um homem de dinheiro, criar os filhos sem educação. Criar para cangalha, quando poderia ter criado para sela.

Não queria se resolver. Quando viu os filhos de Zuza, seu inimigo, envergando batinas de seminário ou roupas bonitas de colegiais, também mandou seus meninos.

Seus filhos tinham gosto. Eram estudiosos aplicados. E ele os foi perdendo de um a um. Cada filho que se formava, e tinha cinco, levava com o anel a vontade de prender-se à terra. Não voltava mais.

Não lhe nascera nenhuma filha. Não tinha sobrinhos. Parentes, possuía alguns. Longínquos, sem ligação.

E agora, já no fim da vida, ele pensava no que seria da terra. Durante as tardes, sentava-se na calçada da velha fazenda e ficava olhando para o horizonte perdido.

Via as reses chegarem para o curral. Alisava o lombo dos cavalos, gritava com os caboclos no eito, quase sem razão. E se algum deles ficava magoado, explicava, quase em desculpa:

– Deixa eu gritar, depois de mim, não haverá mais patrão.

Porque os filhos venderiam a terra. Não voltariam para percorrer os campos, sentir o cheiro do mata-pasto novo crescendo nas primeiras chuvas, não molhariam os seus pés nas águas novas que corriam dos córregos.

Viúvo, iria dormir ao lado da companheira, que fora mais rápida do que ele em abandonar o chão, também fiel a tudo que os rodeava.

E quando a noite chegou, o velho fazendeiro recolheu-se para o silêncio da camarinha e se pôs a conversar com as sombras e os bichos. Há quem diga que ele ensandeceu de amor. De amor à terra do mesmo jeito que os outros homens amolecem o juízo por amor de mulher.